

EDUCANDO NO ARAPY: Construindo Espaços Coletivos e Confluências de Saberes

Autora: Ediane Hirle (ediane.hirle@hotmail.com).

Orientadora: Heloísa Marques Gimenez

Programa de Educação Tutorial Literatura e Cultura como espaços da integração da
Universidade no projeto latino-americano.
Universidade Federal da Integração Latino Americana
(PET/CONEXÕES DE SABERES/UNILA)

Palavras-chave: infâncias, fronteira, território, comunidade, colonialismo.

Resumo:

A ação de extensão “Experiências Itinerantes no Território das Infâncias” buscou pensar as infâncias desde o contexto de região de fronteira. Para tanto, tornou-se fundamental considerar todo emaranhado híbrido que constitui territórios e culturas. Com o objetivo de confluir na comunidade desenvolvemos apresentações culturais; brincadeiras; rodas de plantio e colheita; roda de leitura, conversas e contação de histórias com as crianças dos bairros Almada, Andradina, Cidade Nova, Jardim Universitário da cidade Foz do Iguaçu (região de tríplice fronteira entre Paraguai, Brasil, Argentina) o espaço ARAPY.

As atividades se deram de maneira cotidiana, colaborativa e integrada entre as várias faixas etárias, visando construção do protagonismo comunitário gerador de fortalecimento de vínculos e do direito às experiências das infâncias. As temáticas envolvem relações étnico raciais, gênero, diversidade, soberania alimentária, uso de agrotóxicos, permacultura como uma tecnologia social. Entre as oficinas oferecidas temos: plantio de horta mandala, compostagem, cartonera, capoeira, confecção de boneca *abayomi*, grafite, cisterna ferro cimento, entre outras. Também podemos citar alguns eventos mensais ocorridos no espaço: Dia da Soberania Alimentar, Dia das Crianças com plantio e colheita, shows de artistas locais, Dia da Consciência Negra.

As atividades contaram com uma equipe executora mais ampla, também conformada por estudantes da Unila, coletivos e trabalhadores da cultura. O fomento para compra de livros, materiais necessários para execução das atividades e construção do espaço, foi proveniente da contemplação de recurso pelo Edital 15/2018, gerido pelo Núcleo de Cultura e Integração da UNILA do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA). Além disso a Secretaria da Agricultura apoiou e captou recurso do programa Encontros e Caminhos para oficina de grafite e cisterna ferro cimento.

A narrativa das crianças que nasceram no Paraguai e hoje vivem por estas margens de Foz do Iguaçu, reconheceu e recriou a palavra ARAPY para denominar o espaço, talvez como forma de negociar os sentidos e ressignificações territoriais. Torna-se cada vez mais necessário problematizar o conceito mais simples de fronteira como construção geográfica que define uma linha divisória entre nações, e que se sobrepõe a imaginários e processos históricos compartilhados, impondo restrições territoriais e identitárias voltadas ao Estado Nacional. Importante entender a fronteira como lugar de passagem, trânsito e circulação de mercadorias, seres, ideias, línguas e práticas sociais que criam novas territorialidades, ou seja, novas paisagens com características próprias e particulares (PEREIRA, 2014, p,182).

Além de considerar as questões fronteiriças, em certa medida também movemos fronteiras do conhecimento, pois esta ação foi uma construção colaborativa entre comunidade, Universidade, coletivos e entidades. Porém reivindicamos protagonismo das vozes que constantemente são silenciadas e subalternizadas pelas relações de poder, nas narrativas sobre as dinâmicas de territórios.

Portanto temas referentes a questão da territorialização, desterritorialização e reterritorialização foram ferramentas para a reflexão sobre identidade, diferença e racismo e fronteira. Considerando que o colonialismo gera relações assimétricas entre academia e comunidade, entre infâncias e *adulthood* (NOGUERA, 2019. p.9). O maior desafio dos nossos dias é pensar em coletivo, é construir lugares de confluências (SANTOS, 2015), é reestabelecer uma ética que tenha compromisso social-histórico, é assumir que a liberdade deve ser pra todos e um caminho de respeito à diferença. Conexões, troca de saberes e a inversão do diálogo com a comunidade nem sempre foi fácil, mas buscamos respeitar saberes orgânicos, por exemplo sobre como lidar com a terra e a horta. Foi importante também escutar e aprender com as pessoas que circularam pelo ARAPY, e deslocar a academia como grande centro de saber, pois historicamente corpos e saberes sofrem *epistemicídio*.

Importante considerar que esse trabalho busca se pautar em problematizações sobre questões que perpassam tanto o nosso lugar, como nossa maneira de entrar e estar nas encruzilhadas desses territórios. Nesse sentido a metodologia foi viver ARAPY como um espaço de aprendizados e de confluências de saberes como nos ensina Nego Bispo. Além de refletirmos nas palavras de bell hooks¹ (2013, p.127) que nos aponta educação como prática social libertária e humanista, comprometida com as lutas anti racistas, anti sexistas, anti machistas, anti classista e contra os padrões (inclusive de infância) que o Ocidente criou.

Imersas nesta discussão, cumprimos os objetivos do cronograma de atividades propostas e cada vez mais pessoas se aproximam do Arapy e partilham suas histórias de vida, a maioria delas atreladas as questões de luta pelo acesso a terra e a moradia digna. Seguimos buscando esforços e apoio da Prefeitura e da Secretaria de Direitos Humanos e Relações com a Comunidade para deliberarem apoio e recurso para seguirmos construindo e mantendo o ARAPY. Um número considerável de participantes circula pelo espaço e no cotidiano um número itinerante de 50 crianças colaboram e cuidam para tornam esse espaço possível. Renato Nogueira (2019) nos convida a habitar nossos corpos nas infâncias reconhecendo que apenas a infância pode suscitar a curiosidade e o encantamento diante da vida, mesmo nos momentos mais terríveis. Não se trata apenas das experiências das crianças. De acordo com a leitura *afroperspectivista* a condição da infância é um modo de lançar olhares inéditos sobre o mundo em busca de percursos que estão por fazer.

REFERÊNCIAS

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate. **Educação & Realidade**, [s.l.], v. 44, n. 2, p.1-22, 15 jul. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688362>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v44n2/2175-6236-edreal-44-02-e88362.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

PEREIRA, Diana Araujo. **Cartografia imaginária da Tríplice Fronteira**. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

¹ bell hooks é um pseudônimo da intelectual e ativista estadunidense Gloria Jean Watkins. Watkins adotou o nome de sua avó escrito em letras minúsculas como forma de se contrapor às regras linguísticas, buscando direcionar a atenção do leitor para suas mensagens e não para si.